

JORNAL D' OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Christim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados. 50 » »
Repetições 25 » »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

OS JESUITAS

EO

CONCILIO DO VATICANO

I

Tarde obteve o ultramontanismo a sanção da igreja. Estava reservada para o concilio do Vaticano no seculo XIX a gloria de canonisal-o.

Sem mais preambulos entremos a expôr os seus decretos.

1.º—«E' falso, que os reis e os principes sejam superiores á igreja, quando se trate de questões sobre jurisdicção, ou que estejam isentos da jurisdicção da igreja.» (Syllabus, 59).

Agora o commentario da *Civiltá Catholica*, o jornal, cuja direcção Pio IX entregou aos jesuitas.

«O papa é juiz soberano das leis civis — n'elle se resumem as duas autoridades, como vigario de Jesus Christo, que não é só eterno sacerdote, mas o rei dos reis, o senhor dos senhores—O papa está no cume das duas potencias» (N.º de 18 de março de 1871).

E logo em seguida, em 15 de maio do mesmo anno, a Encyclica infalivel — *Ubi nos arcano*—veio confirmar o commentario — «Pretende-se impôr-nos concessões, a nós, a quem foi dado o poder de legislar na ordem moral e religiosa, a nós que fomos estabelecidos interpretes do direito natural e divino em toda a extensão do universo.»

Tal auctoridade estava reclamando o direito de punir—eil-o na Encyclica de 8 de dezembro de 1864:

«A igreja condemna e reprova aquelle que lhe nega o direito de reprimir com penas temporales os violadores das leis.»

O *Syllabus* declara inimigo de toda a justiça humana e divina quem pretender, «que a igreja não tem o direito de empregar a força, ou que não tem nenhum poder temporal, directo ou indirecto.»

Condemnando as obras de Nnitz,—auctor do *Directo Ecclesiastico*—diz o papa, «que é destruir a constituição e o governo da igreja e arruinar inteiramente a fé catholica, privar a

igreja da sua jurisdicção exterior, e do poder executivo que lhe foi dado para reconduzir ao caminho da justiça aquelles, que d'elle se desviam!!»

E na mesma Encyclica de 8 de dezembro de 1864, lê-se: «estão em erro os que não *receiam* afirmar ser o melhor governo esse, em que se não reconhece ao poder a obrigação de reprimir com penas legais os violadores das leis catholicas, e que só a admittem no caso que a exija a tranquillidade publica!!»

Portanto não só a igreja directamente, mas indirectamente pelo estado, convertido em seu executar de justiça, como já foi o seu carrasco nos bons tempos inquisitoriaes, tem o direito de punir o que lhe parecer contra os seus decretos, contra os seus abusos, ou contra as suas intolerancias!!

Parecia mal nada haver contra a liberdade do pensamento.—O acto, em que se condemnam os livros de Frohschamener — não nos consente esse reparo, e adverte-nos, de que o auctor sustenta a liberdade, «ou antes a licença sem freio da philosophia com uma vivacidade e audacia, que o levam a concluir, que a igreja não deve nunca ser severa (sévir) contra a philosophia, mas ainda tolerar os seus erros, e deixal-a corrigir-se a si mesma: d'onde se segue que os philosophos participam necessariamente d'esta liberdade, e se acham libertos de toda a lei.»

Penas contra os philosophos!

E ao mesmo tempo é «contrario ao direito divino e humano sustentar que a igreja possa ser separada do estado, e o estado da igreja.» (Syllabus, 55).

«E' falso, que a igreja não seja uma verdadeira e perfeita sociedade, plenamente livre, e que pertença ao poder civil definir os seus direitos e os limites, em que possa exercel-os.» (Syllabus, 19).

«E' falso, que a igreja não tenha nenhum poder directo ou indirecto.» (Syllabus, 24).

«E' falso, que o poder civil possua um direito indirecto negativo sobre as

cozas sagradas, por exemplo, o direito—do *exequatur*—ou o do—*recurso á corôa*.»—(Syllabus, 41).

«E' falso, que o direito civil deva prevalecer nos conflictos entre os dois poderes.» (Syllabus 42).

II

O concilio do Vaticano affronta o evangelho, subordina os governos, as nações, a liberdade, a consciencia, e o pensamento a um só homem, a um padre, que vive em Roma, isto é, se fossem aceites e respeitadas os seus canones, criara a tyrania absoluta, universal, e a mais intoleravel e absurda, que jámais foi sonhada.

Ahi está a razão, porque ha tantos herejes.

A tão audaciosos principios só correspondem a indifferença e o alegre desprezo, com que são recebidos pelos espiritos cultos.

Continuaremos.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

A licção de Historia

No comicio republicano contra o convenio sobre *Lourenço Marques*, que toda a imprensa condemna, o sr. Theophilo Braga disse:

1.º—Que se formaram quatro ministerios só por motivo d'esse convenio, o que não é exacto, somente antes do 4.º foi dado ao rei o conselho de não escolher ministros, que o denunciasssem—e o conselho não foi attendido.

2.º—Que se approvou sem audiencia das camaras contra um artigo do *Acto Adicional*, o que é sabido e repetido.

3.º—Que na guerra contra os *boers* se permittiu a passagem de tropas inglesas por Moçambique contra o direito internacional, (sabido e muito censurado).

4.º—Que se deu Bombaim em dote a uma princeza nossa, que esposou Carlos 2.º d'Inglaterra, (o que é sabido).

5.º—Que as minas d'ouro do Transwall despertaram a cubiça ingleza (o que é sabido e repetido):

6.º—Que a Inglaterra pretende unir os Estados africanos para contrabalançar a perda provavel de algumas colonias (sabido, sabido—e os leitores d'este jornal bem o sabem).

Que o tratado sobre Lourenço Marques estabelece o condominio luso-britânico; (o que não é exacto, a nada que tenda para esse resultado nefasto.)

O *Mundo*, jornal assaz illustrado, por *cortezia*, chama a isso que ahi reproduzimos, *uma licção d'história do grande mestre*.

M.

A ASSISTENCIA PUBLICA EM OVAR

Bem andámos em duvidar que o «João Vareiro», fosse João.

Não o é na verdade, mas sim um «Christo Vareiro», que nos appareceu, depois de guindado, por diversas artes e manhas, a paladino da Misericordia, a prégar a guerra santa da regeneração do meio social de Ovar.

Mau evangelizador, pois faltam-lhe as qualidades de verdadeiro christo, para que a sua doutrina possa conseguir e conservar sectários.

Falta-lhe a alma grande, e generosa que lhe faça pôr de lado os mimos proprios de creança, que ainda hoje lhe assoberbam o espirito, para applicar a sua actividade em favor d'uma ideia boa, que elle tomou o compromisso de auxiliar.

Falta-lhe a alma grande e generosa para abafar os resentimentos mal cabidos de odios pequeninos, para que possa auxiliar o bem, que elle jurou propagar.

Falta-lhe a alma grande e generosa para occultar, bem fundo, a vaidade tóla que o assoberba, para que possa olhar por aquelles, que tomou o dever de proteger.

Falta-lhe o senso commum e a serenidade de espirito para sacrificar o seu rancôr hominal ao bem maior e geral.

Assim, é que, o João Vareiro, ou o novo Christo Vareiro, querendo, a todo o transe, o bem da Misericordia a installar, agrava a tudo e a todos, sem que a sua cegueira infantil e vaidosa lhe deixe vêr, que está a seguir um caminho errado, do fim que tem em vista.

Quando se iniciou em Ovar a grande e benefica ideia de se criar a Misericordia hospitalar, pediu-se o concurso de tudo e de todos, e não se encontrou o minimo obstaculo, antes pelo contrario, se viu sempre a melhor boa vontade.

Quem ousaria então oppôr-se? Ninguém, absolutamente, ninguém.

Aqui defendemos a ideia, e em toda a parte procuramos tornal-a uma realidade, e sem vaidade o podemos dizer, o nosso concurso foi de muito valimento.

Escolheu-se uma comissão installadora, escolheu-se uma comissão executiva.

E quem fez essa escolha e porque forma?

Ahi é que entrou a vaidade e a *intriga de toupeira*.

Até hoje temos estado calados e era esse o nosso proposito até final.

Mas desde que um membro da comissão executiva, sob um pseudonymo qualquer, nos agrava e calumnia injustamente, dizendo nos que *toupeiramos a intriga de viseira cahida*, manda a nossa dignidade, que repillamos tal affronta.

O articulista sabe muito bem, que a elle e a todo o mundo, estamos habituados a fallar de cara bem direita e descoberta.

Que, quando elle nos assacar

calumnias, lhe diremos aqui, e de frente, que mente.

Que nunca o susto, ou qualquer outra circumstancia nos obrigará a calar, com prejuizo da verdade e da justiça.

Que não ha forças humanas, que nos obriguem a ser attentiosos, com pessoas que respondam á nossa delicadeza e consideração, com grosserias.

Entendidos.

A comissão executiva da Misericordia, desde que aceitou tal encargo, tem obrigação de procurar o concurso de todas as pessoas, de todas as entidades, para o fim a que se propôz, sem agravar absolutamente ninguém.

Tem obrigação de esquecer resentimentos e até agravos, quando porventura as receba; tem obrigação de engulir espadas.

E não se diga, que qualquer dos membros, individualmente, ou seja fóra das sessões, pode proceder de maneira diferente, e que a comissão só tem responsabilidade quando delibera collectivamente.

Isso seria trahir o dever, que cada um dos commissionados, sobre si, tomou.

Qualquer agravo por parte dos membros da comissão executiva só pode trazer prejuizo para a Misericordia.

Quando qualquer membro entenda, que deve seguir caminho diferente do indicado, primeiro peça a sua exoneração, e depois fica livre para discutir.

Pedir e agravar só o faz o gato, symbolo da ingratição, que come e arranha.

O articulista da «Patria» exigiu que os Bombeiros Voluntarios dessem, do seu cofre, dinheiro para a Misericordia; levou a mal que houvesse um benemerito, que desse áquella associação, uma esmola avultada; exige que os bombeiros façam *kermesses* em favor da Misericordia; e, por ultimo, por lhe parecer vir a talho de fouce, atira-se á camara municipal e seus dirigentes.

A primeira exigencia não a repetiu, reconhecendo que havia errado, pois isso seria um roubo aos benefiteiros da Associação dos Bombeiros.

Calou a enveja da esmola, pois seguia mau caminho.

Insistiu, porém, sobre a exigencia das *kermesses*, porque, diz elle, que uma associação, que vive, somente para *fazer duas ou tres sahidas por anno*, tem muito tempo disponivel, para applicar a sua actividade.

E' o primeiro a agravar a Associação dos Bombeiros, que tem, até hoje, tido a sympathia de todo o concelho.

Chama-lhe uma associação de luxo.

Oxalá assim fosse, pois era

certo, que não haveria desgraças a accudir.

Emquanto ao tempo disponível dos Bombeiros, é d'uma injustiça má.

Infelizmente a quasi totalidade dos Bombeiros não tem creados e creadas, que os sirvam, como o articulista.

São homens de trabalho, que precisam de todas as horas, para, por meio da sua actividade, conseguirem recursos, com que possam occorrer ás suas necessidades e de sua familia.

Os Bombeiros não são uma duzia, ou duas duzias de ociosos, que se occupam simplesmente no serviço das bombas e que estão ás ordens de qualquer creança vaidosa, que se lembra de lhe impôr as suas opiniões.

E demais ninguém lhes pediu nada.

Irem elles, de motuo proprio, trabalhar em favor da Misericordia seria passar um diploma de ineptos aos vogaes da Commissão executiva.

Os bombeiros são gente obscura, filhos do trabalho, sem preponderancia ou destaque na sociedade vareira.

Os vogaes da commissão executiva são, incomparavelmente, superiores já pela sua posição social, já pelas suas habilitações literarias, já pelas suas fortunas, já pelas suas relações pessoais, já pela sua independencia, etc.

E que venha um estranho invejoso rebaixar a commissão, po de admitir-se, mas que seja um proprio vogall!

E' triste, tristissimo

Mas a inconveniencia do articulista, pretenso paladino da Misericordia vae mais longe, ainda.

Quando trata, segundo diz, de canalisar tudo para a Misericordia, querendo que se ponham de lado todas as demais miserias e necessidades locais, *descanaliza*. Assim, é que, é verdade indubitavel que a Misericordia sem o auxilio da camara e de qualquer partido politico, é uma utopia.

Foi por isso que o iniciador, da ideia, antes de a principiar a pôr em pratica, se entendeu com a camara e com os partidos.

A propria commissão executiva e portanto o articulista tambem foi pedir o auxilio da camara.

E o que faz, agora, o petionario?

Tratando do assumpto Misericordia—aggrava a camara, aggrava o partido que a elegeu, nas pessoas dos vereadores.

Quaes as consequencias de tal procedimento.

Para nós ha apenas uma circumstancia que possa justificar o arculista.

Vem a ser o desejo, que elle tenha de pedir a demissão de vogal da commissão, e pretenda justificar o pedido com a incompatibilidade, que criou com as suas inconveniencias, a que chamámos pueris, mas que agora podem, muito bem, alcunhar-se de calculadas.

Ainda os tremores de terra

II

1.º Nem para todos se julga haver uma só causa, mas a mais geral está por certo nos gazes e vapores, que ou se formam de repente, ou se accumulam, e reprimidos attingem uma tensão, um poder mechanico enormes.

2.º Os vulcões attestam o seu prodigioso effeito.

3.º Hoje não se admite, que as lavas vulcanicas venham do centro da terra—se este fosse um oceano de fogo, todos os dias a attração do sol e da lua ahi causaria taes marés, que a parte solida exterior não podia resistir-lhes.

4.º Lá não está a causa dos

terramotos, ainda que deva ser muito profunda.

A uma profundidade de dois a tres kilometros dão-se factos que os explicam sem irmos mais longe.

5.º Abaixo do solo as rochas ou as massas, que se acham como encostadas umas ás outras, e a quem as aguas interiores dissolvem e corroem constantemente, estão sujeitas a desequilibrios e desmoronamentos.

6.º Quando as aguas alli se aquecem ou em virtude da temperatura, que vai aumentando desde a superficie, ou por encontram metaes em fusão, d'ahi resultam gazes e vapores de uma força expansiva incalculavel.

7. As repentinas mudanças de pressão atmospherica, que ora alliviam o solo do peso de muitos milhões de kilogrammas, ora o restabelecem, ora tornam a retirar-o, podem tambem determinar o desequilibrio das rochas subterranas. O certo é, que os barometros oscillam como loucos, e a temperatura tem descido muitos graos abaixo de zero—até 22!

8.º O ponto inicial é muitas vezes submarino. Actualmente contam-se em actividade 323 vulcões quasi todos proximos do mar—o que induz a crer que as suas aguas penetram por algum sitio até que se acham em contacto com as lavas.

9.º A electricidade, que sempre se produz, hade influir na propagação e intensidade dos movimentos—ora horizontaes, ora verticaes, ora circulares, resultando estes de se combinarem os outros dois quando simultaneos.

10.º Se o sol e a lua electricos como tudo, e que electrizam a terra por indução, não contribuem d'esse modo para os terriveis phenomenos, que tanto se repetem, comtudo M Perrey observou serem os tremores mais frequentes na lua cheia, e na lua nova, do que nas quadraturas—o que não parece simples coincidencia, e assim devemos considerar a attração mais uma causa determinante.

Almeida Medeiros.

Outra carta ao snr. Theophilo Braga

SOBRE O

“Firmamento,, e o “Noivado do Sepulchro,,

Como não desisto de vulgarisar cada vez mais a calumnia do T. Braga, que por acinte ou inopia me acusa de *falsa imputação* a Soares de Passos, vou justificar-me novamente e repetir muito do que já disse.

Começarei pondo em relevo para aquem desejo esclarecer, que o snr. Theophilo Braga cita falsamente o n.º 4.º dos Bardos, onde affirma ter lido o *Noivado do Sepulchro*;

Não leu tal—é falso—não tinha nem podia ter diante dos olhos o n.º 4.º dos Bardos, que foi publicado e distribuido em 1852 mas sim a Edição em volume feita em 1854, onde a ballada se intercalou em alguma das folhas, que se reimprimiram *n'esse anno*, segundo um testemunho insuspeito.

O snr. Passos recebeu em Coimbra em Fevereiro ou Março de 1854 um copia do *Noivado*, que eu lhe dei, depois de lh'o recitar na noite antecedente—trouxe-a para o Porto, onde se tratava da Edição em volume, e Faustino de Novaes o inserio no n.º que tinha a data de 1852—Eis tudo:

A falsidade é do snr. Theophilo. Declarar authentica a Edição de 1854 sem provas ou signaes rigorosos, que obriguem a considerá-la como tal, é levianice, e tão mal fundado, caluniar-me, imprudencia atrevida.

Nada mais me seria preciso além da analyse já feita de estancias do *Firmamento* para convencer de que a mão do snr. Passos as não escreveu, mas hei-de mostrar como falha a critica das *Idéas Modernas*; a critica? Não, a negativa, de critica não vejo lá nem a sombra.

Emquanto ao *Noivado*, a reimpresão em 1854 do n.º 4, ou ao menos de algumas d'este numero, não só não é *imaginaria*, como quiz dizer-me, mas é até infallivel.

Devia o snr. Theophilo Braga, dando como provavel o plagio, com que me honrou o glorioso Passos, partir d'ahi para descobrir se era ou não falsa a data de 1852, attribuida ao *Noivado*.

Mas pelo contrario accetou-a como *segura*, e d'ella concluiu que eu o reclamava sem razão, e ainda foi tirar futeis e ridiculas contradicções da *syllaba final* da palavra *humilhára-o* ou *humilhára-se*, que nem talvez esteja mal *escripta* na minha carta para lhe servir de desculpa.

Eu não sou calino, nem seu parente.

Ora o snr. Theophilo Braga, pe'o menos 12 annos antes do que eu, soube da edição do *Bardo* em

1854, e esteve em melhores condições para indagar como ella se fez, e como ahi o snr. Passos pôde intercalar o *Noivado* no n.º 4

Pena é que o meu expoliador o não antedatasse; é um defeito no seu embuste, e as imperfeições em tudo desagradam.

Tambem por pequena que fosse a attenção que o snr. Theophilo me desse, não era muito o *avisar-me* do que viu no *Bardo*, e avaliaria depois as minhas objecções e provas, que igualmente me era mais facil então oppor-lhe; muitas hoje me faltam.

Podia invocar o testemunho do sr. Alexandre Braga, um dos fundadores do *Bardo*, o que sei agora; ainda assim, porque eu o conhecia desde os seus 20 annos enviei-lhe em 1886 a reclamação das duas poesias, e se acaso o *Bardo* primitivo de 1852 deposesse contra mim de certo que responderia á minha carta, contestando-me. Mas isso era impossivel!

Senhor da verdade, rio-me das prevenções, das antedatas, e da *segurança* do snr. Theophilo Braga.

Pelo mesmo theor eu iria negar ao snr. Theophilo Braga muitas das suas composições; bastava para isso entender-me com algum editor de *Bardos*, que por condescendencia reproduzisse n'um qualquer novo numero, uma *Visão*, uma *Torrente*, uma *Tempestade Sonora*, põl-as em nome d'outro poeta com data anterior, e se acaso o logro fosse bem feito, haviamos de vêr como ficaria indignado e a protestar contra as datas e eu em acintosa deteza do falso auctor a servir-me de alguma chocha intelligencia das suas cartas, e quando mais não me acudisse a recorrer á *sugestão hypnotica*, ou coisa assim, para o despir de todo o credito como reclamante, continuaria a merecer a estima do snr. Theophilo Braga? E se fosse sincero, e não entrasse na fraude, a minha critica teria algum direito a ser luminosa e decisiva?

Não! Era cega e romba, principalmente depois da analyse já publicada em 1886, á qual, affoutamente o repito, não se responde. Deixemos o *Firmamento*, e por uma vez desembaracemo-nos do *Noivado*.

Pergunto: o snr. Passos, que sabe exprimir-se em verso, e que por isso é auctor do *Firmamento*, tambem do *Noivado*, como é que estando incompleto o primeiro verso da segunda estancia do *Noivado*, o compoz tão ridiculo e tão falso?

.....mas ao longe, ao longe

Como é que n'outra estancia, a nona, escreveu

Ai! quão pesada me tem sido, e em meio

Que meio?

Estava tambem incompleto esse verso, e não soube preencher-o, nem alteral-o.

No famoso n.º 4 está d'outro modo; deu-lhe pois voltas, e não descobriu afinal senão a fórma acima exposta. Lastimavel.

No *Bardo* escreveu o snr. Passos:

Vae alta a noite, na mansão da morte
Já meia noite com vagar soou.

Emendou no primeiro verso—*Vae alta a lua*, que estava na minha copia, e que fez? Repetiu a *indicação da hora*, pois, *vae alta a noite*, e logo a seguir, *já meia noite*, são duas expressões que dizem o mesmo; e uma ao pé da outra são ridiculas.

Depois, na 1.ª edição do seu livro, apparece

Vae alta a lua.

Achou que era melhor o meu verso.

E assim o recitava eu á snr.ª D. Maria do Carmo de Souza Brandão.

São pormenores insignificantes, mas que já respondem bem ao sr. Theophilo Braga.

Depois falsea a idéa da ballada dizendo

Amor, engano, que na campa finda,
Que a morte despe da illusão fallaz.

Illusão fallaz?

Pelo contrario o phantasma symbolisa a idéa de que o amor não finda na campa—é esse o espirito da poesia.

Eu escrevi:

D'amor o encanto nem na campa finda,
D'além do mundo vir aqui me appraz.
Mas quem dos vivos se lembrou ainda
Do pobre morto, que na terra jaz?!

O sr. Passos quiz emendar-me, e fel-o com o senso que reconhece e applaude o sr. Theophilo.

Illusão fallaz funerea campa, tumba funeral, sepulchral mysterio não affirmam a sua habilidade versejadora?

N'outra parte escrevi eu

Traz inda c'roa de virgineas rosas,
Que lhe realçam o mortal pallor.

O snr. Passos emendou para:

Singela c'roa de virgineas rosas
Lhe cerca a fronte de mortal pallor.

De modo que são as rosas que produzem o pallor, em vez de lh'o tornarem mais saliente pelo seu brilho ou frescura, como eu disse.

Na penultima estancia escrevi:

Mais que uma campa aberta já vasia,
Erguida a lousa por ignota mão.

Mas o snr. Passos emendou com a sua arte para

Mais que uma tumba funeral vasia

Tumba funeral?
Outro verso meu

Junto ao cruzeiro singular mysterio
Foi celebrado de infeliz amor—

recebeu esta emenda

Junto ao cruzeiro *sepulchral* mysterio!

Vamos aos accrescentos, ei-los:

Não, não perdes meu amor jurado.
Vês este peito? Reina a morte aqui...
E ja sem forças, ai de mim ge ado,
Mas inda pulsa com amor por ti.

Um phantasma a dizer para outro—*vês este peito reina a morte aqui*, é de certo curioso; a *morte não reina no peito* dos phantasmas, que segundo as crenças são animados sobrenaturalmente. E' o *sem forças, ai de mim gelado, que ainda pulsa*, são disparates. O phantasma não é o morto.

Mais:

Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
Da sepultura succumbindo á dor;
Deizei a vida, que importava o mundo.
O mundo em trevas sem a luz do amôr?

Saudosa ao longe vês no ceu a lua?
—Oh vejo, sim recordação fatal;
Foi á luz d'ella que jurei ser tua
Durante a vida e na mansão final.

N'estes versos, que o snr. Passos ajuntou, ha comtudo dois, que lhe recitei, mas que estão alterados; por exemplo, eu escrevi

Feliz, que pude abandonar o mundo...

e não

Feliz, que pude acompanhar-te ao fundo
Da sepultura, etc.

o que não está em harmonia nem com o principio nem com o fim da ballada. O segundo phantasma não acompanhou o primeiro ao fundo da sepultura, etc.

O peito gelado que ainda pulsa com amôr,

é uma contradicção, em que não cahiu o primeiro phantasma, que atraz disse n'outra estancia,

Sobre este peito que bateu por ti

Saudosa ao longe vês no ceu a lua?
Oh! vejo, sim, recordação fatal!

Decerto; a lua é um objecto que mal se distingue... e dá razão ao segundo phantasma para que pergunte ao primeiro se a vê, e o primeiro certifica ao segundo de que não está cego, *oh! vejo, sim!* Talvez fosse myope.

Porque é recordação fatal? O segundo phantasma deixou a vida? Assim se deixa como coisa que pôde ficar atraz de nós? *Jurei ser tua durante a vida e na mansão final*, este juramento, que já anticipa a scena do cemiterio é muito para um pobre ser, que ainda era da terra.

Eu eliminarei esses versos, quando publicar a ballada com o meu nome, o que já devia ter feito ha muito.

Não quero aproveitar-me das bellezas artisticas do snr. Passos das quaes não sou capaz.

Nas tres ultimas estancias, que me pertencem, regeito o *sepulchral mysterio*, pois escrevi *singular* e não *sepulchral*, e tambem a *tumba funeral* dos seguintes versos:

Mais que uma tumba funeral vasia,
Quebrada a lousa por ignota mão!

que não eram assim; eu escrevi

Mais que uma campa aberta já vasia,
Erguida a lousa por ignota mão.

A tumba não é uma campa, não é lousa—é um esquite, um atauda.

O seu a seu dono.

(Continúa)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

NOTICIARIO

TEMPO

Tivemos alguns dias de tempo fraco, mas voltou, depressa, á normalidade.

EXCURSÃO

Somos informados de que se acha, já, definitivamente, resolvida a excursão a Vianna do Castello, sendo, em breve, fechado o contracto com as respectivas companhias dos caminhos de ferro a percorrer.

Folgamos devéras com a realidade do facto, se, é que, o é.

Nada podemos dizer por enquanto.

Aguardemos, pois, a oportunidade.

CONSORCIO

No dia 22 do corrente, pelas 11 horas da manhã, e na matriz d'esta freguezia, consorciou-se o nosso prezado amigo o sr. Antonio Valente Compadre, mui digno recebedor d'este concelho, com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Amelia d'Oliveira Cardoso estremeida filha da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Araujo d'Oliveira Cardoso.

Ao acto, que foi revestido d'uma imponentia, nunca usada entre nós, assistiram familia e varios convidados.

Em seguida foi servido em casa do noivo um delicado copo d'agua.

Os noivos seguiram, á tarde em digressão pela Figueira, Caldas, Batalha, Leiria e Lisboa.

Na corbeille achavam-se importantes prendas.

-Desejamos-lhes tão sómente um futuro perenne de prosperidades,

"FOLK-LORE MUSICAL"

Recebemos e agradecemos o 2.º numero d'esta excellente e importante publicação quinzenal, a unica em Portugal e no estrangeiro pela sua composição original para piano e canto, que insere duas magnificas cantigas popularissimas no norte do paiz:—

—«O Solidão» é uma singela melodia impregnada de tristeza mas sem amargo desconforto.

Ella traduz, como nenhuma, o claro-escuro da saudade.

Em—«O Trévo»—ha uma anciedade de desejos mal contidos, mas no estribilho, prestes esfusar a alegria n'um impeto de revolta honesta e franca d'almas sãs.

São duas canções muito caracteristicas de nosso temperamento meridional.

—24 fasciculos por assignatura 4\$800 reis.

—Preço avulso 300 reis.

A' venda na administração, Rua de Bello Monte, n.º 80, Porto.

Endereço telegrafico Folk-Lore. Publica a 1 e 15 de cada mez.

CONCURSO

Acha-se aberto concurso para provimento do logar de official da camara d'este concelho.

Vêr o annuncio «Concurso» na secção respectiva.

Doenças das plantas

As plantas, como todos os seres vivos, estão sujeitas a alterações na sua vida normal, que podem comprometter mais ou menos a produção, dando logar a prejuizos por vezes bastante grandes.

Evitar essas alterações, procurando que as plantas vivam em boas condições, deve ser uma das grandes preocupações de todo o bom lavrador.

As doenças das plantas são umas vezes causadas pela acção do meio, outras pela presença de parasitas, isto é, umas vezes podem ser devidas ao facto de faltarem no solo os **elementos necessarios** para uma boa vegetação, a um excesso de humidade, a uma falta de arejamento conveniente, etc., outras vezes as doenças são provocadas por insectos ou outros animaes, que vivendo á custa das plantas, as destroem mais ou menos por completo, ou originam alterações tão grandes na vegetação, que a sua cultura só pode dar prejuizo. outras vezes as perturbações na vegetação das plantas, são causadas por outras inferiores, que não podendo viver vida independente, vão-se alojar nos vegetaes cultivados, á custa dos quaes vegetam, enfraquecendo-os, ou mesmo destruindo-os algumas vezes, impedido assim que deem qualquer producto remunerador.

As doenças das plantas são

debelladas ou evitadas, umas vezes por meio de **adubações** ou **correctivos**, outras com a applicação de diversas **substancias** que, actuando directamente sobre os agentes do mal, o vão destruir ou imbedir o seu desenvolvimento.

Estas **substancias**, umas vezes simples, como o **Exofre** ou o **Arseniato de Chumbo**, são na maioria dos casos productos preparados segundo determinadas formulas, das quaes algumas de preparação simples, estão ao alcance de todo o lavrador; muitas outras só com difficuldades e despesas pode o agricultor obtel-as, com os meios de que ordinariamente dispõe; algumas mesmo de uso corrente, como é por exemplo a **Calda Bordeleza**, poucas vezes são preparadas como deviam ser, de fórma que o agricultor consiga o maximo effeito com o minimo de despesa.

Por vezes e com frequencia aconselha-se uma substancia para combater um determinado parasita, não porque ella seja a mais economica nem a mais efficaz, mas sim por ser a unica que o lavrador pode usar, attendendo aos meios de que dispõe.

Por todas estas razões e convictos de que prestamos um bom serviço aos agricul tores, participamos-lhes que convidámos o Ex.^{mo} Sr. J. da Camara Pestana, antigo director do Laboratorio de Pathologia Vegetal, a ficar encarregado de uma nova secção da nossa casa, destinada a fornecer aos lavradores todas as indicações necessarias para evitar ou debellar as doenças das plantas cultivadas, bem como fornecer os preparados necessarios para o seu tratamento, encarregando-se tambem da preparação de formulas especiaes sob a indicação dos agricultores.

Todas as consultas sobre estes assumptos deverão ser dirigidas a

O. HOROLD & C.^a

Rua da Prata, 14, 1.º—Lisboa.

ENCERRAÇÃO DO MEZ DE MARIA

Hoje, pelas trez horas da tarde, celebrar-se-ha, na igreja matriz d'esta villa, a encerração do mez de Maria, sendo este acto revestido do maior brilho, para o qual, tambem, se acha convidado um distincto orador sagrado.

INCENDIO

Na terça-feira passada, cêrca das 3 e meia horas da tarde, manifestou-se incendio n'um armazem do Sr. João da Silva, o Paula, ardendo todo o armazem e a lenha e palha, de que estava cheio.

Compareceram os Bombeiros Voluntarios.

—Não se poude ainda averiguar a causa do incendio.

Desastre e morte

Pelas seis horas da tarde, de 21 do corrente, um filho do nosso amigo sr. dr. Pedro Chaves, na occasião em que, vindo d'uma quinta, em carro de bois, regressava a casa, e já perto d'esta, teve a infelicidade de soffrer uma queda, em resultado da qual falleceu horas depois.

Acompanhamos o sr. dr. Chaves e sua Ex.^{ma} familia, na sua pungente dôr.

S. Donato

Realisa se, hoje e amanhã, conforme preannunciamos, a festa da S.^a d'Ajuda, na Capella e logar de «S. Donato», festa esta conhecida por este nome, e que costuma ser muitissimo concorrida, e muito mais será este anno devido ao brilho que se propozeram dar-lhe os respectivos mordomos.

LIÇÕES

Lecciona-se francez e habilita se para exame de instrução primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceitam encomendas de flores artificiaes, e dá-se lições das mesmas.

Ultimas palavras

Perdoae leitores e tende paciencia.

O assumpto já produz nauseas, mas não póde ficar sem replica o artigo do Sr. Dr. Fidalgo, datado de 25 do corrente. Quizeramos tambem como sua Ex.^a, levá-lo para o jocoso e elle que a isso tanto se prestava no tocante a *creanças, surras, festinhas, papás, visitas, e tolices!* Então relativamente á *ingenuidade, á innocencia e á candura* que transparece de todo o artigo, que jocosa resposta se lhe não daria, attendendo a que sua Ex.^a é bastante intelligente, rabula fino, mas nunca ingenuo, nunca innocente, embora seja candido.

Não queremos, porém, a jocosidade e vamos apreciar-o a sério.

Francamente, o sr. dr. Fidalgo pretende convencer o publico ou alguem de que os amadores dramaticos se negaram a dar mais espectaculos em favor da Misericordia, elles que sempre e da melhor vontade a isso se prestaram, sem que fossem melindrados? Se tal pretende, faz-nos duvidar da seriedade e da lealdade da sua argumentação.

Feitas estas considerações entremos na questão.

Será falso que Angelo Lima disse na loja do sr. Alves, na presença do sr. dr. Fidalgo e d'ahi a pouco na presença do sr. dr. Chaves, que, apesar da casa para o espectáculo da Paschoa estar má, seria uma casa cheia, visto não haver a Misericordia arranjado quem a fiscalisasse? Será falso que ambos responderam não terem nada com isso?

Será falso que o gracejo á porta do theatro se passou com o amador Freire de Liz e não com o Laureano?

Tudo será falso, meu Deus, pela vossa infinita mizericordia e porque os que affirmam dizem que sim e os que negam dizem que não.

Será falso que os amadores dramaticos realizaram pelo carnaval dois espectaculos em beneficio da futura Misericordia, cujo producto liquido foi de oitenta e tantos mil reis?

Será falso que todos, ou quasi todos os membros da commissão executiva da Misericordia auxiliaram n'esses espectaculos os amadores?

Será falso que os amadores realizaram na Paschoa um outro espectáculo em beneficio da mesma Misericordia?

Será falso que n'este ultimo espectáculo nenhum auxilio foi prestado pelos vogaes disponiveis da Commissão?

Será falso que esse auxilio devia ter sido prestado pelo publico d'Ovar em geral, mas muito principalmente pelos vogaes disponiveis da Commissão executiva quer fosse ou não sollicitado, segundo o declara e sustenta o articulista João Vareiro nos n.ºs 56 e 57 do jornal—«A Patria»?

Será falso que não tendo havido esse auxilio nem do publico em geral, nem dos vogaes da Commissão disponiveis em particular, com o fim unico de serem maiores os rendimentos para o cofre da Misericordia, indicava isso, claramente, má vontade contra os amadores e os levava a não darem mais espectaculos?

Tudo será falso, meu Deus, pela vossa infinita Misericordia e porque os que affirmam dizem que sim e os que negam dizem que não.

Conclusão

O que não é falso é que os amadores foram tratados na Paschoa de forma mui diversa do Carnaval,

O que não é falso é que os amadores reclamaram applausos, não de dois simples espectadores, mas de dois membros da Commissão Executiva da Misericordia, que elles beneficiaram nessa noite. O que não é falso é que os amadores não queriam *festinhas*, tolhidos de mimo, reclamavam o cumprimento d'um simples dever de delicadeza. O que não é falso é que o sr. dr. Fidalgo, no intimo da sua consciencia, ha de reconhecer que no espectáculo da Paschoa havia proposito de se não irmanarem com a *troupe* como aliáz haviam feito no Carnaval. O que não é falso é que a *troupe* viu bem a sua esmola desprezada e tida em nenhuma conta.

O que finalmente não é falso, é que a *troupe* tentou fazer o bem, soffreu em troca desconsiderações e ainda agora é arguida e troçada.

Tableau! Sobre o assumpto ella não dirá nem mais uma palavra. Tem a consciencia de que cumpriu o seu dever e de que o publico está sufficientemente habilitado a vêr claro o lado da razão.

Ovar, 28 de maio de 1909.

Abel Augusto de Souza e Pinho
Angelo Zagallo de Lima.
Antonio Augusto Freire de Liz
Antonio dos Santos Sobreira
Del fim José Rodrigues Braga
João Maria Lopes

NOTA

Declara-se que o ex-amador Nunes Branco não assignou este artigo por motivos particulares.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

A Junta de Parochia de Vallega, faz publico que, no dia 6 de Junho proximo, por 9 horas da manhã, na casa das suas sessões, arrematará as obras do alargamento do cemiterio parochial, sendo a base de licitação de 533\$204 reis, conforme os respectivos projecto e orçamento devidamente approvados; convido aos interesses da Parochia. As condições da arrematação, bem como o referido projecto e orçamento, acham-se patentes em casa do Vogal Pinho Junior, todos os dias uteis das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Vallega, 16 de maio de 1909.

O Presidente

(a) Caetano Fernandes

CASA

Vende-se uma, na rua das Ribas, d'esta villa, com quintal e poço, que foi do fallecido mestre d'obras Manoel Joaquim da Silva Valente.

Para tratar, com

Guilherme d'Oliveira Corrêa

Rua das Ribas

OVAR

EDITAL

Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Administrador do Concelho d'Ovar.

Faço saber que sendo de utilidade publica e urgente necessidade a ampliação do Cemiterio da Junta de Parochia da freguezia d'Arada d'este concelho, foi superiormente requerida licença para tal fim e sendo ordenado que se instaurasse o competente processo nos termos legaes. pelo presente são chamadas todas as pessoas interessadas, para que dentro do prazo de doze dias contados da data d'este edital, compareçam n'esta administração afim de examinarem os documentos e planta respectiva e fazerem as reclamações e declarações que julgarem convenientes, relativas á expropriação d'uma terra lavrardia, pertencente a Maria Fernandes Lopes, viuva, do logar das Pedras de Cima, da freguezia d'Arada d'este concelho, a qual confina do norte com o cemiterio existente, do sul com Joaquim Pereira Soares, do nascente com o adro da Igreja Parochial e do poente com o caminho de servidão para os campos. E para que chegue ao conhecimento de todos os interessados mandei passar o presente e outros de equal theor que serão affixados nos logares do estylo. Administração do Concelho d'Ovar, 24 de Maio de 1909 e nove. E, eu, Guilherme Bressane Leite Perry, secretario que escrevi. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente.

Concurso

A Camara Municipal do Concelho d'Ovar, devidamente auctorizada, faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», para o provimento do logar de continuo da sua secretaria, com o vencimento do annual de 73\$000 reis. Os concorrentes deverão apresentar na secretaria da Camara, dentro do referido prazo, os seus requerimentos, instruidos com os documentos exigidos pelo decreto de 24 de Dezembro de 1892.

Ovar e secretaria da Camara Municipal, 26 de Maio de 1909.

O Presidente

Joachim Soares Pinto.

ADOBES

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro

OVAR.

ADEGA DO LUZIO

Do entudo a esta data
Que de folga tenho 'stado,
N'uma vida tão pacata,
Tão santinha, tão beata,
Que me sinto... *abeatado*...

Todavia, em *tempo santo*,
Não extranhe, pois, *vocencia*,
Que, mettido n'este *canto*,
Tenha só tratado tanto,
De *limpar a consciencial*...

E s'alguem quizer *limpal-a*,
Ficar limpo, bem *limpinho*,
Tão *limpinho*, que *regala*,
Deixem lá fallar quem *falla*,
—Do **Luzio** gastem *vinho*...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,
onde encontrarão além de todos os generos de
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES, 171 — NÃO CONFUNDIR COM IMITAÇÕES

A UNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATA

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

PORTO.



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho
mais conveniente e elegante contra o
Frio, Vento e Chuva
e o mais commodo para viagem. E se quereis
o verdadeiro só o encontrareis na
ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

ALFAIATE NATURAL, DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE
RILEY

E outras marcas; todas as pe-
ças precisas para as mesmas. Con-
certam-se bycicletes

Preços sem compeencia



Machinas de Cos-
tura das bem conhe-
cidas e acreditadas
marca "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «OPEL» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher
todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torna
estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os traba-
rhos em bordadura, razoes porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes ter-
las estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca «OPEL». Dão-se todas as instrucções e ensina-se
o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes.

Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vaselina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas,

etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e aceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 — OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na
praça da hortaliça, d'esta villa,
calçado em todas as côres, para
homem, senhora e creança; encar-
regando-se tambem de executar
com esmerada perfeição e modici-
dade de preços, toda a encomen-
da de qualquer obra concernente
á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer
dia da semana, fazer-se encom-
mendas, o proprietario virá tam-
bem a esta villa, a caza dos fre-
guezes, que para isso o avizem
pelo correio ou pessoalmente

LA VILLE DE PARIS
A. F. DELPORT, SUCCESORES EN C.
MARCA REGISTRADA
PORTO
Rua Sá da Bandeira, 249

Fabrica de corôas
e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro
em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.
Grande sortido
de plantas para
adorno. Flôr de laran-
jeira, e todos os apres-
tos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA
COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.
FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.
SANTAREM — Fonseca & Souza.
BRAGA — Pinheiro & C.